

A LEITURA da poesia

Elaboração e coordenação:
Rebeca Gelse Rodrigues

Jardins

Roseana Murray

Flores passeiam no azul do dia,

fabricam coloridos silêncios,

como se fossem lenços de seda e ar.

Flores pintam norte e sul em todos os timbres e tons de azul.

Bem-me-quer, mal-me-quer, busco teu coração nas pétalas de seda,
a enluarada confirmação.

Orvalho cobre a fina pétala das flores de fina água:
envelope de céu.

Fiar auroras e sentimentos com as coloridas linhas do horizonte
e fazer um dia de flores e fontes.

Uma lua amarela num jardim alado vem descansar seu luar.

Entre no jardim secreto, é lá que vive o eterno luar,
as assombradas caravelas, as flores imperfeitas do amor.

Para que o dia seja todo de estrelas e magia,
estranhas flores ao pé da estrada.

Flores alimentam sonhos, dão de comer aos olhos, arrumam
e desarrumam formas e cores.

Flores espalhadas ao longo do dia, aladas, enluaradas, ensolaradas,
são promessas de amor e poesia.

Na teia do dia as flores pousam aranhas de luz.

À noite as flores descansam as suas cores em cama de sombras.

Em dias de sol e chuva atravessar o arco-íris para chegar ao país das flores.

Uma estrela vem espiar: estrelas são iluminadas flores noturnas no quintal do céu.

Numa jarra flores em equilíbrio como aéreos sinos.

Do meu poema faço um jardim, violetas, dalias, rosas, jasmim, colorida guirlanda
de palavras e vento.

Flores no caminho, moinhos de mel e sol, fonte de passarinhos.

Flores trazem notícias do campo, das cores do arco-íris, da imensidão dos sonhos.

Um campo semeado de sol e girassol, moinho de ouro moendo cores.

Flores perfumadas de sol e vento semeadas pela mesa,
pela casa, pelos quatro cantos do tempo.

TRAVA-LÍNGUAS

O chinês chique, de chapéu chocante, chegou com o bicho de luxo. Escorregou na graxa, se esborrachou no chão, machucou a coxa. Chocado, tece um chilique, chutou o lixo e xingou o chão.

Dona Chica chamou o Chico. Do Chico nem cheiro! Dona Chica foi xeretar. O Chico, de galocha, chapéu e guarda-chuva, tomava chá debaixo do chuveiro!

O príncipe Petrônio prometeu casar com a princesa na primavera. Ficou com preguiça, trocou de projeto. A princesa, braba, contratou a bruxa Petronila pra transformar o príncipe Petrônio em grilo do brejo.

A cruel criatura cometeu um grande crime: entrou na casa e devorou três vitrolas, pregou trinta pregos no vitrô, trançou o tricô da Cremilda e estragou treze tortas de creme. Credo!

Há três trecos tristes: treta, trapaça e tramóia.

A traça triturou os trajes do trio de Tremembé.

Não tem truque, troque o trinco, traga o troco e tire o trapo do prato.

Tire o trinco, não tem truque, troque o troco e traga o trapo do prato.

O desinquivincavacador das cavalarias desinquivincavacaria as cavidades que deveriam ser desinquivincavacadas.

Num ninho de mafagafos

Tinha seis mafagafinhos

Também tinha magafaças,

Maçagafas, maçafinhos,

Ferreira Gullar

mar azul
 mar azul marco azul
 mar azul marco azul barco azul
 mar azul marco azul barco azul arco azul
 mar azul marco azul barco azul arco azul ar
 azul

Cecília Meireles

Som
 frio.

 Rio
 sombrio.

 O longo som
 do rio
 frio.

 O frio
 bom
 do longo rio.

 Tão longe
 tão bom
 tão frio
 o claro som
 do rio
 sombrio!

Axioma Nordestino

José Nêumanne

poesia é semente?
 poesia é fermento?

 poema é fruto.

Rebenta pipoca

Regina S. Ferreira

Rebenta pipoca
 Maria sororoca
 Saltando bem louca
 Pra dentro da boca.
 Rebenta pipoca,
 Branquinha e amarela.
 Pula que pula,
 No fundo da panela.
 Quem resiste ao cheirinho dela?

Na sacada da casa

Cecília Meireles

Na
 sacada
 a saca
 da caçada.
 Na sacada da casa.
 E a casada
 na calçada.

 Quem se casa
 de casaca?

 Na sacada da casa
 a saca.
 Na saca, a asa.
 Asa e alça.
 A saca da caça.

 Quem se alça
 da sacada
 para a calçada?

A menina descalça.
 A menina calada.
 E na calçada da casa,
 a casada.

Mar

Fernando Paixão

tantas
 águas
 ondas
 vagas
 novas
 ondas
 vagas
 tantas
 novas
 águas
 ondas

Água

Francisco Alvim

Falar de ti
 é falar de tudo o que passa
 no alto dos ventos
 na luz das acácias
 é esquecer os caminhos
 apagar o enredo
 é pensar as formas do branco
 como teu corpo numa praia

branda e azul
 Tua pele não retém as horas
 escorres, líquida
 sonora

Antimatéria

Reynaldo Damazio

Arma não é brinquedo
 Crianças não são soldados
 Páginas não têm glândulas
 Poema está fora de moda
 Palavras nunca sangram
 Sangue pode ser veneno
 Saliva é bom remédio
 Palavras dão bons brinquedos
 Crianças têm gulas
 Soldados brincam de matar
 Página em branco é moda
 Poetas envenenam-se

O Nada e o Coisa Nenhuma

Sérgio Caparelli

O Nada e o Coisa Nenhuma
 saíram a parte alguma.

Dentro de um embornal
 o Nada pôs coisa nenhuma
 e num embrulho de jornal
 Coisa Nenhuma levou nada.

Quando chegaram à estrada
 que leva a parte alguma
 o Nada disse a Coisa Nenhuma:
 - Este passeio vai dar em nada!

E ao tomarem a trilha
 encontraram com Ninguém
 que vinha de mãos vazias
 sem dívidas e sem vintém.

- Por favor, como é seu nome?
 pergunta-lhe Coisa Nenhuma.

- Sou o de nome nenhum
 Ninguém ou qualquer um.

- Entendi nada, Ninguém.
 Adeus e passar bem!

De volta a lugar nenhum
 O Coisa Nenhuma e o Nada
 repartiram um menos um
 e correram, às gargalhadas,
 virando sombra de sombra,
 virando poeira de estrada.

Onda

Guilherme de Almeida

Morno
 contorno
 da onda
 redonda....
 Pluma
 de espuma,

lenda
 de renda,
 frase
 de gaze,
 riso
 de guizo...
 Ninho
 de arminho
 onde
 se esconde
 aéreo
 mistério...
 trapo,
 farrapo,
 lenço
 suspenso
 pelas
 estrelas...
 resto
 de um gesto
 louco
 que é o pouco
 que há de
 bondade
 no alto
 mar... Salto
 da água
 na mágoa
 doida
 de toda
 vida
 partida...

Velho

Jandira K. Mengarelli

como quem
 não sabe quando
 nem como
 mas sabe que sim
 que não há não
 o velho vai pela rua
 olhando o que der
 devagar
 como que para fixar
 como quem
 a cada passo
 não quer
 como quem não quer
 olha
 pelo olhar que olha
 despe
 e se despede

Canção mínima

C. Meireles

No mistério do Sem-Fim,
 equilibra-se um planeta.

 E no planeta, um jardim;
 e, no jardim, um canteiro;
 no canteiro, uma violeta,
 e, sobre ela, o dia inteiro.

 Entre o planeta e o Sem-Fim,
 a asa de uma borboleta.

Ismália

Alphonsus de Guimarães

Quando Ismália enlouqueceu,
 Pôs-se na torre a sonhar...
 Viu uma lua no céu,
 Viu outra lua no mar.

 No sonho em que se perdeu,
 Banhou-se toda em luar...
 Queria subir ao céu,
 Queira descer ao mar...

 E no desvairo seu,
 Na torre pôs-se a cantar...
 Estava perto do céu,
 Estava longe ao mar...

 E como um anjo pendeu
 As asas para voar...
 Queria a lua do céu,
 Queria a lua do mar...

As asas que Deus lhe deu
 Ruflaram de par em par...
 Sua alma subiu ao céu,
 Seu corpo desceu ao mar...
 Soneto – Nelson Ascher

Fiz o que não devia,
 o que devia, não;
 compus uma canção
 sem letra ou melodia.

À meia-noite ardia
meu sol que, sem razão,
legara de antemão
trevas ao meio-dia.

e enquanto lia tudo
que não dizia nada,
ouvindo na calada
da noite um eco mudo,
pensava, sobretudo,
que pouco sobrenada.

Casamento

Leo Cunha

E foram
felinos
para sempre.

As bênçãos

Manoel de Barros

Não tenho a anatomia de uma garça pra
receber em mim os perfumes do azul.

Mas eu recebo.

É uma bênção.

Às vezes se tenho uma tristeza, as andorinhas
me namoram mais de perto.

Fico enamorado.

É uma bênção.

Logo dou aos caracóis ornamentos de ouro
para que se tornem peregrinos do chão.

Eles se tornam.

É uma bênção.

Até alguém já chegou de me ver passar a mão
nos cabelos de Deus!

Eu só queria agradecer.

Mágoas

Augusto dos Anjos

Quando nasci, num mês de tantas flores,
Todas murcharam, tristes, lagorosas,
Tristes fanaram, redolentes rosas,
Morreram todas, todas sem olores.

Mais tarde da existência nos verdores
Da infância nunca tive as venturosas
Alegrias que passam bonançosas,
Oh! minha infância nunca tive flores!

Volvendo à quadra azul da mocidade,
Minh'alma levo aflita à Eternidade.
Quando a morte matar meus dissabores.

Cansado de chorar pelas estradas,
Exausto de pisar mágoas pisadas,
Hoje eu carrego a cruz de minhas dores!

Começo a conhecer-me

Fernando Pessoa

heterônimo Álvaro de Campos

Começo a conhecer-me. Não existo.

Sou o intervalo entre o que desejo ser e os
outros me fizeram,

Ou metade desse intervalo, porque também
há vida.....

Sou isso, enfim.....

Apague a luz, feche a porta e deixe de ter
barulhos de chinelos no corredor.

Fique eu no quarto só com o grande sossego
de mim mesmo.

É um universo barato.

Problema

poema anônimo

Dona centopéia passeia feliz,

Até que dom Sapo, maroto, lhe diz:

“responde na hora, assim, de repente:

Qual perna colocas atrás, qual na frente?”.

E isto a deixou perturbada assaz.

A pobre, abalada, caiu pra trás,

Rolou na sarjeta, e lá jaz, sem saber

Que perna primeiro usar pra comer.

Gigante

Ricardo da Cunha Lima

Ser vizinho de gigante

Tem a sua desvantagem:

Outro dia o grandalhão,

Quando estava de jejum,

Teve dor no barrigão

E acabou soltando um pum.

Resultado catastrófico:

Veio até televisão

Pra mostrar o acontecido,

Todo o estrago produzido

Pela fúria do tufão!

MAS QUE BAITA FURAÇÃO!!!!

Leo Cunha

Ouriço no espelho

Com isso se espanta:

Sou bicho ou espeto?

Sou gordo, sou fino?

Sou primo do esquilo

Ou do porco-espinho?

Ouriço ou aquilo?

Bem-te-vi

Libério Neves

Onde cantas

bem-te-vi?

Mais além

ou mais ali?

Teu canto ouvi

mas não te vi.

Ti, ti - vi!

Ti, ti - vi!

Onde cantas

tu enfim?

Bem-te-vi

vem aqui

canta

perto de mim.

Trova XIX

Hilda Hilst

Se amor é merecimento

Tenho servido a Deus

Mui a contento.

Se é vosso meu pensamento
Em verdade vos dei
Consentimento.

E se mereci tal vida
Plena de amor e serena
Foi muito bem merecida.

E em me sabendo querida
Do anjos e do meu Deus
Na morte pressinto a vida.

E o que se diz sofrimento
No meu sentir é agora
Contentamento.

E se amor morre com o tempo
Amor não é o que sinto
Neste momento.

XV Cantares

Hilda Hilst

Para poder morrer
Guardo insulto e agulhas
Entre as sedas do luto.

Para poder morrer
Desarmo as armadilhas
Me estendo entre as paredes
Derruídas.

Para poder morrer
Visto as cambraias
E apascento os olhos
Para novas vidas.

Para poder morrer apeteçada
Me cubro de promessas
Da memória.

Porque assim é preciso
Para que tu vivas.

A urdidura da trama

Victor Del Franco

Por trás do palco
moiras tecelãs
contam suas histórias,
com esmero cosem à vida
todas as cenas e percalços

cantam
dançam
representam

jamais perdem
o fio da meada.

Conversa pra boi dormir

Marcelo R.L.Oliveira

Dona Vaca de Presépio
conversava com o Boi Sonso
conversa pra boi dormir.

Passou boi... Passou boiada...
Esses dois, eu não invejo.

O boi puxou o carro
E a vaca foi pro brejo.

A rosa de Hiroshima

Vinícius de Moraes

Pensem nas crianças
 Mudadas telepáticas
 Pensem nas meninas
 Cegas inexatas
 Pensem nas mulheres
 Rotas alteradas
 Pensem nas feridas
 Como rosas cálidas
 Mas oh não se esqueçam
 Da rosa da rosa
 Da rosa de Hiroshima
 A rosa hereditária
 A rosa radioativa
 Estúpida e inválida
 A rosa com cirrose
 A anti-rosa atômica
 Sem cor sem perfume
 Sem rosa sem nada.

Quadrilha

Carlos Drummond de Andrade

João amava Teresa que amava Raimundo
 Que amava Maria que amava Joaquim que
 amava Lili que não amava ninguém.
 João foi para os Estados Unidos, Teresa para
 o convento, Raimundo morreu de desastre,
 Maria ficou para a tia, Joaquim suicidou-se
 e Lili casou com J. Pinto Fernandes que não
 tinha entrado na história.

Mentira

Ricardo Azevedo

Mentira de lá
 Mentira daqui
 Me tira
 De lá e daqui
 Me tira dali
 Me tira de cá
 Mentira
 Me deixa ficar?

Coxas Bundas Coxas

Carlos Drummond de Andrade

Coxas bundas coxas
 bundas coxas bundas
 lábios línguas unhas
 cheiros vulvas céus
 terrestres
 infernais
 no espaço ardente de uma hora
 intervalada em muitos meses
 de abstinência e depressão.

O homem e a água

Murilo Mendes

As mãos têm hélice, tempestade e bússola.
 Os pés guardam navios
 Aparelham para o Oriente
 O olho tem peixes,
 A boca, recifes de coral;
 Os ouvidos têm noites pólos e lamento de ondas.
 A vida é muito marítima.

**Fernando Pessoa -
heterônimo de Ricardo Reis**

Sim, sei bem

Que nunca serei alguém.

Sei de sobra

Que nunca terei uma obra.

Sei, enfim,

Que nunca saberei de mim.

Sim, mas agora,

Enquanto dura esta hora,

Este luar, estes ramos,

Esta paz em que estamos,

Deixem-me crer

O que nunca poderei ser.

Paraíso

José Paulo Paes

Se esta rua fosse minha,

eu mandava ladrilhar,

não para automóvel matar gente,

mas para criança brincar.

Se esta mata fosse minha,

Eu não deixava derrubar.

Se cortarem todos as árvores,

onde é que os pássaros vão morar?

Se este rio fosse meu,

eu não deixava poluir.

Joguem esgotos noutra parte,

que os peixes moram aqui.

Se este mundo fosse meu,

eu fazia tantas mudanças

que ele seria um paraíso

de bichos, plantas e crianças.

A Tempestade

Gonçalves Dias

Um raio

Fulgura

No espaço

Esparso,

De luz;

E trêmulo

E puro

Se aviva,

S'esquiva

Rutila,

Seduz!

Vem a aurora

Pressurosa,

Cor-de-rosa,

Que se cora

De carmim;

A seus raios

As estrelas,

Que eram belas,

Têm desmaios,

Já por fim.

O sol desponta

Lá no horizonte,

Doirando a fonte,

E o prado e o monte

E o céu e o mar;
 E o manto belo
 De vivas cores
 Adorna as flores,
 Que entre verdores
 Se vê brilhar.

Um ponto aparece,
 Que o dia entristece,
 O céu, onde cresce,
 De negro a tingir;
 Oh! Vede a procela
 Infrene, mas bela,
 No ar s'encapela
 Já pronta a rugir!

Não solta a voz canora
 No bosque o vale alado,
 Que um canto d' inspirado
 Tem sempre a cada aurora;
 É mudo quanto habita
 Da terra n' amplidão.
 A coma então luzente

Se agita do arvoredo,
 E o vate um canto a medo
 Desfere lentamente,
 Sentindo opresso o peito
 De tanta inspiração,
 Fogem do vento que ruge
 As nuvens aurinevadas,
 Como ovelhas assustadas
 Dum fero lobo cerval;

Estilham-se como as velas
 Que no alto mar apanha,
 Ardendo na usada sanha,
 Subitâneo vendaval.

Bem como serpentes que o frio
 Em nós emaranha, - salgadas
 As ondas s'estrangham, pesadas
 Batendo no frouxo areal.
 Disseras que viras vagando
 Nas furnas do céu entreabertas
 Que mudas fuzilam, - incertas
 Fantasmas do gênio do mal!

E no túbido ocaso se avista
 Entre a cinza que o céu apolvilha,
 Um clarão momentâneo que brilha,
 Sem das nuvens o seio rasgar;
 Logo um raio cintila e mais outro,
 Ainda outro veloz fascinante,
 Qual centelha que em rápido instante
 Se converte d'incêndios em mar.

Um som longínquo cavernoso e ouço
 Rouqueja, e n'amplidão do espaço morre;
 Eis outro inda mais perto, inda mais rouco,
 Que alpestres cimos mais veloz percorre,
 Troveja, estoura, atroa; e dentro em pouco
 Do norte ao sul, - dum ponto a outro corre:
 Devorador incêndio alastra os ares,
 Enquanto a noite pesa sobre os mares.
 Nos últimos cimos dos montes erguidos

Já silva, já ruge do vento o pegão;
 Estorcem-se os leques dos verdes palmares,
 Volteiam, rebramam, doudejam nos ares,
 Até que lascados baqueiam no chão.

Remexe-se a copa dos troncos altivos,
 Transtorna-se, tolda, baqueia também;
 E o vento, que as rochas abala no cerro,
 Os troncos enlaça nas asas de ferro,
 E atira-os raivoso dos montes além.

Da nuvem densa, que no espaço ondeia,
 Rasga-se o negro bojo carregado,
 E enquanto a luz do raio o sol roxeia,
 Onde parece a terra estar colado,
 Da chuva, que os sentidos nos enleia,
 O forte peso em turbilhão mudado,
 Das ruínas completa o grande estrago,
 Parecendo mudar a terra em lago.

Inda ronca o trovão retubante,
 Inda o raio fuzila no espaço,
 E o corisco num rápido instante
 Brilha, fulge, rutila, e fugiu.
 Mas se à terra desceu, mirra o tronco,
 Cega o triste que iroso ameaça,
 E o penedo, que as nuvens devassa,
 Como tronco sem viço partiu.

Deixando a palhoça singela,
 Humilde labor da pobreza,
 Da nossa vaidosa grandeza,
 Nivelava os fastígios sem dó;
 E os tempos e as grimpas soberbas,

Que a foice do tempo poupava,
 Em breves momentos é pó.

Cresce a chuva, os rios crescem,
 Pobres regatos s'empolam,
 E nas turvas ondas rolam
 Grossos troncos a boiar!
 O córrego, qu'inda há pouco
 No torrado leito ardia,
 É já torrente bravia,
 Que da praia arreda o mar.
 Mas ao do desditoso,
 Que viu crescer a enchente
 E desce descuidoso
 Ao vale, quando sente
 Crescer dum lado e d'outro
 O mar da aluvião!
 Os troncos arrancados
 Sem rumo vão boiantes;
 e os tetos arrasados,
 Inteiros, flutuantes,
 Dão antes crua morte,
 Que asilo e proteção!

Porém no ocidente
 S'ergue de repente
 O arco luzente,
 De Deus o farol;
 Sucedem-se as cores,
 Qu'imitam as flores,
 Que sembram primores
 Dum novo arrebol.

Nas águas pouasa;
 E a base viva
 De luz esquiva,
 E a curva altiva
 Sublima ao céu;
 Inda outro arqueia,
 Mais desbotado,
 Quase apagado,
 Como embotado
 De ténue véu.

Tal a chuva
 Transparece.
 Quando desce
 E ainda vê-se

O sol luziu;
 Como a virgem,
 Que numa hora
 Ri-se e cora,
 Depois chora
 E torna a rir.

A folha
 Luzente
 Do orvalho
 Nitente
 A gota
 Retrai:
 Vacila,
 Palpita;
 Mais grossa,
 Hesita,
 E treme
 E cai.

QUADRINHAS

1. Um ratinho verde

Um ratinho verde
 Que passou correndo
 Eu agarro pelo rabo,
 Depois monstro ao tio Ricardo.
 Ele diz, aflito:
 Jogue no óleo e frite,
 Jogue na água já!
 Caracol bom quente você terá.

2. Bateu o sino

Bateu o sino?
 Deu meio-dia,
 Disse a ratinha
 Para a Sofia.
 E onde está ela?
 Na casa dela,
 Lá na capela.
 Fazendo o quê?
 Renda. Pra quem?
 Pra quem vai, pra quem vem,
 Pra quem chega de trem!

3. Medo do lobo?

Medo de lobo eu não tenho
 Olhem esse, do desenho!
 Ele tem os braços longos
 E só come camundongos.
 Por criança tem loucura
 E só mostra a dentadura
 Quando sorri!

4. Dona rata trota

Dona rata trota
 Negra no cinza da noite
 Dona rata trota
 Cinza no monte.

Uma nuvem passa
 Escurece, a tarde esfria
 Uma nuvem passa
 Olha! Nasce o dia!

Dona rata trota
 Rosa nos raios azuis
 Dona rata trota
 Brilhante na luz.

Troféu

Jorge Luis Borges

Como quem percorre uma costa
 maravilhado com a multidão do mar,
 alvissarado de luz e pródigo espaço,
 eu fui o espectador da tua formosura
 durante um longo dia.

Nos despedimos ao anoitecer
 e em gradual solidão
 ao voltar pela rua cujos rostos ainda te
 conhecem,
 escureceu minha ventura, pensando
 que de tão nobre profusão de memórias
 perdurariam escassamente uma ou duas
 para ser decoro da alma
 na imortalidade de tua andança.

Lua minguante

Sylvia Orthof

Uma lua tão fininha,
 o que foi que aconteceu?

Diz-que-diz que foi um anjo
 que sua unha roeu
 e cuspiu o pedacinho
 na noite que há no céu.

Macarronada

Sergio Caparelli

Macarrão, macarronada

Nada

De tão bom, na panela,

Nela

A fome se consome,

Some

E depois se transforma,

Forma

Macarrão, macarronada.

Matinal

Mario Quintana

O tigre da manhã espreita pelas venezianas,
 O vento fareja tudo,
 Nos cais, os guindastes – domesticados
 dinossauros –
 erguem a carga do dia.

Aço em flor

Paulo Leminski

Quem nunca viu
que a flor, a faca e a fera
tanto fez como tanto faz,
e a forte flor que a faca faz
na fraca carne,
um pouco menos, um pouco mais,
quem nunca viu
a ternura que vai
no fio da lâmina samurai,
esse, nunca vai ser capaz.

Alaranjado

João Guimarães Rosa

No campo seco, a crepitar em brasas,
dançam as últimas chamas da queimada,
tão quente, que o sol pende no acaso,
bicado
pelos sanhaços das nuvens,
para cair, redondo e pesado,
como uma tangerina temporã madura....

(sem título)

Paulo Leminski

ali
só
ali
se

se alice
ali se visse
quanto alice viu
e não disse

se ali
ali se dissesse
quanta palavra
veio e não desce

ali
bem ali
dentro da alice
só alice
com alice
ali se parece

Ábaco

Olga Savari

Lembro-me como se fosse hoje;
no mato sem cachorro,
mesmo sem cão, não caço com gato
mas tiro meu cavalinho da chuva.
Tarde aprendi que mais vale
um pássaro na mão do que dois voando
e que uma andorinha só não faz verão.
Apanhando como boi ladrão,
o homem é o lobo do homem.
- Ah King Kong,
cada macaco no seu galho.
Sem jeito mandou lembranças.
Boa romaria faz
quem em sua casa fica em paz.
Esperarei sentada.
Vivaldi, vida vida,
noves fora: nada.

Anchieta com neblina

Alberto Martins

nesta via
de imprevistas
geografias
curva
fechada
pista
escorregadia
só espero
que os faróis
iluminem este chão
– agora e na hora
da mais árdua
cerração

O silfo- Paul Valéry (tradução de Nelson Ascher)

Entrevisto o esquivo,
eu sou esse aroma
finado mais vivo
que no vento assoma!

Entrevisto e incerto,
acaso ou talento?
Mal se chega perto,
concluiu-se o intento!

Entrelido e oculto?
Que erros, ao arguto,
Foram prometidos!

Entrevisto e alheio
lapso nu de um seio
entre dois vestidos!

Manoel de Barros

Ando muito completo de vazios.
Meu órgão de morrer me predomina.
Estou sem eternidades.
Não posso mais saber quando amanheço
ontem.
Está rengo de mim o amanhecer.
Ouço o tamanho oblíquo de uma folha.
Atrás do acaso fervem os insetos.
Enfiei o que pude dentro de um grilo e meu
destino.
Essas coisas me mudam para cisco.
A minha independência tem algemas.

No meio do caminho **Carlos Drummond de Andrade**

No meio de um caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do
caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra.

Olha o bolhão

Regina S.Ferreira

Ploct. Ploct, bolha de sabão

Sobre, colorida, tal qual balão,

Desce delicada na minha mão.

Esta maravilha, fui eu que fiz.

Estoura engraçada no meu nariz!

É um sonho bem pequeno e tão feliz...

Parte II do poema O dia da criação

Vinícius de Moraes

Neste momento há um casamento

Porque hoje é sábado

Há um divórcio e um violamento

Porque hoje é sábado

Há um homem rico que se mata

Porque hoje é sábado

Há um incesto e uma regata

Porque hoje é sábado

Há um espetáculo de gala

Porque hoje é sábado

Há uma mulher que apanha e cala

Porque hoje é sábado

Há um renovar-se de esperanças

Porque hoje é sábado

Há uma profunda discordância

Porque hoje é sábado

Há um sedutor que tomba morto

Porque hoje é sábado

Há um grande espírito de porco

Porque hoje é sábado

Há uma mulher que vira homem

Porque hoje é sábado

Há criançinhas que não comem

Porque hoje é sábado

Há um piquenique de políticos

Porque hoje é sábado

Há um grande acréscimo de sífilis

Porque hoje é sábado

Há um ariano e uma mulata

Porque hoje é sábado

Há uma tensão inusitada

Porque hoje é sábado

Há adolescências seminuas

Porque hoje é sábado

Há um vampiro pelas ruas

Porque hoje é sábado

Há um grande aumento de consumo

Porque hoje é sábado

Há um noivo louco de ciúmes

Porque hoje é sábado

Há um garden-party na cadeia

Porque hoje é sábado

Há uma impassível lua cheia

Porque hoje é sábado

Há damas de todas as classes

Porque hoje é sábado

Umas difíceis, outras fáceis

Porque hoje é sábado

Há um beber e um dar sem conta

Porque hoje é sábado

Há uma infeliz que vai de tonta

Porque hoje é sábado

Há um padre passeando à paisana

Porque hoje é sábado
Há um frenesi de dar banana
Porque hoje é sábado
Há uma sensação angustiante
Porque hoje é sábado
De uma mulher dentro de um homem
Porque hoje é sábado
Há uma comemoração fantástica
Porque hoje é sábado
Da primeira cirurgia plástica
Porque hoje é sábado
E dando os trâmites por finados
Porque hoje é sábado
Há a perspectiva do domingo
Porque hoje é sábado

Vento

Luiz Camargo

O vento venta e inventa mil maneiras de ventar.
Vento fraco,
Venta forte, venta gostoso feito um beijo ates de dormir.
Se enrola feito um gato(ai, que sono!).
De repente acorda e roda feito um rodamoinho.

O QUE É POESIA

Texto de Fernando Paixão

Falar de Poesia é falar de Símbolos. Há três sentidos interligados: linguagem, arte, poesia. De início, é preciso enfatizar que a atividade simbólica se exerce estritamente através da linguagem, entendendo-se nesta palavra uma abrangência ampla.

E mais: a relação entre simbolização e linguagem é tão íntima ao ponto de não se saber o que pode ter surgido primeiro; se a capacidade de o homem se expressar organizadamente através de códigos e línguas, ou se a necessidade de se criar signos(palavras, sons, gestos, etc) para designar os objetos da realidade.

A linguagem, por sua vez, permitiu o nascimento da arte, que é uma atividade onde se manifesta intensamente a criação simbólica. Mesmo em se tratando da literatura e da pintura realistas, já que seus elementos de retratação do real – as cores e as palavras - não constituem substância concreta, palpável, mas sim aparente.

A conclusão imediata disso é que os símbolos sempre habitaram o centro da arte, seja para contrapor-se à realidade, criando situações e lugares imaginários, seja para sobrepor-se a ela, dando-lhe um colorido poucas vezes percebido.

Assim, também, e talvez até com maior radicalismo do que outras manifestações da literatura (na prosa, na dramaturgia), acontece com a poesia. Através da poesia escutamos os dizeres ecoados de regiões profundas do ser humano, presenciamos sentimentos desconhecidos e gestos inesperados.

Escrevendo poemas, depurando suas emoções frente às coisas, o poeta abraça o símbolo no seu instante mais vivo – o instante criador - em que algo penetra no homem e ali produz sua cicatriz, sua moradia.

Apoiada em sua força simbólica, a linguagem dos poetas, é claro - se realça por ser uma dos raros discursos correntes em nossa sociedade em que existe o tom da confissão e de sinceridade, ainda que afirmem o contrário os famosos versos de Fernando Pessoa: “o poeta é um fingidor, finge tão completamente, que chega a fingir que é dor, a dor que deveras sente”. O dizer poético, ao meu ver, representa apesar de tudo um dos poucos que ainda mantêm uma relação de necessidade com a vida.

É como se o poeta, guardadas as proporções. Mantivesse para si um compromisso idêntico ao dos homens primitivos que habitaram as cavernas. Ali, milhares de anos atrás, homens desenharam imagens de quadrúpedes nas paredes da caverna com a firme crença de que isso os ajudaria na caça desses animais. A linguagem de seus desenhos mantinha assim uma relação de continuidade e forte ligação simbólica com a natureza.

Modernamente a poesia, em quase todas as suas variantes de estilo, reincide sobre um objetivo semelhante, ou seja, investigar o real, aumentar o conhecimento e a vivência do mundo através das palavras. Por causa disso, o poeta encarna uma perspectiva bastante enriquecedora: ampliando a sua capacidade de animal simbólico, abre-se para ele uma nova dimensão: a de animal poético.

Ao invés de manter com a vida uma relação simbólica estagnada, como é o caso de muitas religiões, que oferecem aos seus seguidores uma visão de mundo pronta e acabada, na atividade poética, os símbolos transitam de maneira viva e brilhante. Na poesia, a linguagem cumpre de maneira radical e criadora sua função simbólica. Para mexer com a vida o poeta não pega na enxada, na foice ou martelo, não veste farda ou macacão, nem se especializa no manuseio de máquinas que reduzem a energia de viver a algumas equações de computador. A profissão do poeta é armar símbolos, tecer caminhos imaginários sobre a página, oferecer ao seu companheiro de viagem, o leitor ou ouvinte, uma inusitada sensação: a intimidade das palavras, o enredamento caloroso dentro delas. O poeta conquista sua expressão social dessa maneira insólita. Cumpre simultaneamente ou não, o papel de RECEPTOR de inspirações alheias, ou de EMISSOR que abre perspectivas inovadoras, como no caso das relações pessoais e amorosas em que a poesia lírica retrata e cria experiências dos coloridos mais diversos. Nenhuma dessas funções aparece explícita nos poemas, mas elas podem ser pressentidas na sua linguagem e no seu contexto simbólico. Em princípio, aliás, uma palavra ou imagem é simbólica sempre que representa algo mais do que seu significado imediato o óbvio. Ora, na linguagem poética, isso ocorre com extrema frequência, ou quase sempre, pois a intenção fundamental da poesia é exatamente transmitir esse algo mais que ultrapassa o racional e o consciente.